

## EDITORIAL

É com imensa alegria que apresentamos aos leitores este número da revista *Religare* dedicado às religiões e filosofias da Índia, com algumas incursões em outras pesquisas sobre religiões “orientais”<sup>1</sup>. Esta publicação reflete um processo de florescimento das pesquisas sobre esta temática no âmbito da academia brasileira.

As tradições da Índia e oriente (especialmente China), antes consideradas tão distantes, a cada dia parecem se aproximar de nós. Exemplo disto é o número crescente de traduções diretas do Sânscrito para o português<sup>2</sup> de importantes textos sagrados destas culturas. Há uma demanda crescente pelos textos originais diretamente traduzidos para a nossa língua, o que reflete uma busca na academia brasileira por estudos de qualidade nesta área. E, este diálogo Índia-Brasil, que antes dependia do crivo dos estudiosos europeus e norte americano, agora vem sendo estabelecido de forma direta, não mais passando por esta triangulação. Assim, retirando o véu de exotismo e diferença através do qual as religiões e sistemas filosóficos da Índia vinham sendo observados no contexto acadêmico brasileiro, o que temos agora é uma nova leva de produções acadêmicas, voltadas para a compreensão de grandes temas destas tradições que nos dizem respeito até hoje.

Durante muito tempo, os estudiosos olharam o oriente como o “outro”, como aquilo que não nos pertence. Justamente essa perspectiva pautou boa parte dos estudos acadêmicos do século XIX e início do XX: um misto de exotismo e curiosidade que fascinava dos pesquisadores das universidades ocidentais que se autodenominavam “orientalistas”<sup>3</sup>. Esse cenário começou a mudar com alguns estudiosos que, fascinados pelas lições do oriente, começam a ler e analisar os textos sagrados para além das diferenças. E, seguindo esta estrada surgem os livre-pensadores do Círculo de Eranos:

---

<sup>1</sup> Tanto oriente quanto ocidente são conceitos criados à partir da Europa, em momentos históricos específicos, e com finalidades específicas. A idéia de oriente relaciona-se ao “outro”, ao “diferente”, enquanto ocidente significa, neste contexto discursivo, aquilo que “nos é familiar”. Assim, ocidente e oriente não são de maneira alguma locais geográficos previamente existentes, mas sim construções sociais e discursivas criadas para diferenciar e classificar culturas e civilizações. Desta forma, utilizamos este termo aqui justamente para designar este “construto social e discursivo” que se autodenomina “ocidente”. A este respeito, temos a célebre obra de Edward Said: *Orientalismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

<sup>2</sup> Citamos como importantes traduções publicadas nos últimos cinco anos: POSSEBON, Fabrício. *Rigveda: a sabedoria das estrofes. Antologia bilíngüe: sânscrito e português, com um resumo de gramática védica*. 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB/Idéia, 2006; GULMINI, Lilian. *O Yoga Sutra de Patanjali: tradução e análise da obra a luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e lingüísticos*. Dissertação de Mestrado: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 2002; BHAGAVADGITA: *Canção do Venerável*. São Paulo: Ed. Globo, 2009 (Tradução do sânscrito, prefácio e notas: FONSECA, Carlos Alberto). Além destas, poderíamos incluir muitas outras em nossa lista.

<sup>3</sup> A este respeito, cf. SAID, 1996.

C.G. Jung, H. Zimmer, M. Eliade e outros que buscavam nos diálogos entre ocidente e oriente estabelecer paisagens mentais comuns, para estabelecer respostas e formular teorias sobre temas que escapava a nossa razão ocidental-cartesiana<sup>4</sup>.

Agora, podemos dizer que de modo geral os estudos acadêmicos buscam estabelecer um olhar sobre aquilo que chamamos de Oriente pautado pelo reconhecimento e respeito a estas tradições. Busca-se, sobretudo aquilo que suas grandes escolas filosóficas e religiosas têm a nos dizer em pleno século XXI. Ou seja, como esta tradição dialoga com a nossa contemporaneidade? Neste sentido acreditamos que os postulados filosóficos e religiosos do oriente, mesmo sendo milenares em alguns casos, não se referem apenas a um passado remoto, mas que tem muito a nos dizer na atualidade.

Há pelo menos três milênios, os pensadores da Índia tem ido ao cerne das grandes dúvidas e questões que nos acometem, seja qual for a nossa nacionalidade. Como nos lembra H. Zimmer, a suprema façanha do pensamento indiano, desde o período dos Upanixades (ou *upaniṣad*) foi a descoberta do Eu (*ātman*) enquanto entidade imperecível e independente, alicerce da personalidade consciente e da estrutura corporal.<sup>5</sup>

Seguindo esta linha de pensamento, tudo aquilo que normalmente conhecemos sobre nós mesmos pertence a esfera da impermanência, a esfera do tempo e do espaço. Somos seres que se inserem numa temporalidade de vida restrita: nascemos com um nome, uma família, e certamente, cedo ou tarde abandonamos esta condição de vida. Diante dos longos tempos da Terra, todos os eventos da nossa vida podem ser comparados a um relâmpago em uma noite chuvosa. E mesmo a Terra tem uma temporalidade limitada e restrita se comparada ao tempo universal. Assim, a impermanência é a característica central de toda a existência visível, de tudo aquilo que é experienciável pelos cinco sentidos, regulados na frequência comum de percepção da existência como tal. Mas existe algo dentro de nós mesmo que transcende as amarras do tempo e a roda da vida com todos os compromissos e obrigações aos quais estamos atrelados. É justamente esta a grande obsessão do pensamento indiano desde os tempos védicos: a busca deste Eu (*ātman*) imutável, além do tempo, do espaço, além das leis de causas e efeitos. Mas este eu supremo não pode nunca ser descoberto apartado de sua

---

<sup>4</sup> Sobre o círculo de Eranos, CF: MIELE, Neide. Eadem Mutata Resurgo: “Embora Mudado, ressurgirei o mesmo” in: *Religare – Revista de Ciências das Religiões* – n.5 (mar. 2009). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

<sup>5</sup> ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Palas Athenas, 2003, p 20.

fonte absoluta. Assim, a meta dos sábios e yogues passa a ser a própria fusão eterna do eu individual (*ātman*) com o divino universal (*brahman*).

Justamente com este conceito de *ātman* originário das escolas filosóficas da Índia, o Budismo veio estabelecer um diálogo, apresentando o conceito de *anātman*: o não ser, um conceito que sustenta um universo vazio, desprovido de si. Com este conceito, que é um desdobramento do primeiro, temos uma mostra de um diálogo que se estabeleceu no oriente sobre o cerne da existência: afinal, seríamos *ātman* ou *anātman*? Ser ou não ser, eis a questão. Nesse caso, a essência transforma-se em não-essência, mas de qualquer forma continua sendo o aspecto que sustenta a existência.

A questão está colocada, e segundo as tradições orientais, a resposta não vem apenas através do pensamento racional, mas sim através da própria experiência deste cerne da existência (ou da não existência). Justamente para se alcançar tal experiência estas tradições desenvolveram diversas técnicas de Yoga, meditação e êxtase.

Justamente essas questões sobre a transcendência da existência da maneira como a conhecemos através dos sentidos parecem ganhar importância no âmbito daquilo que costumamos chamar de pós-modernidade. Pois, mesmo em meio às obrigações de uma sociedade pós-moderna, com todo o turbilhão de informações e afazeres da vida cotidiana, não nos deixamos domar completamente pelas contingências do presente. Restam sempre as dúvidas, as grandes questões existenciais que a perspectiva materialista não tem sido capaz de responder. E justamente aí a tradição indiana nos traz outra mensagem: ao invés de desviar o olhar, podemos mergulhar no cerne da questão.

\*\*\*

Vamos aqui apresentar algumas abordagens que tocam de diferentes formas nestas “questões milenares” da perspectiva oriental. Os artigos aqui apresentados são, em sua grande maioria, frutos do Grupo de Trabalho denominado “Religiões e Filosofias da Índia” que esteve reunido na ANPTECRE de 2011<sup>6</sup>. Além disso, apresentamos ainda com dois artigos que são frutos de pesquisas que vem sendo desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões, onde temos uma linha de estudos que contempla o oriente com suas tradições.

Faremos a seguir uma breve apresentação dos artigos, começando pelo texto Clodomir Barros de Andrade, intitulado “A não-dualidade do um (*brahmādvaita*) e o

---

<sup>6</sup> GT organizado sob a coordenação do Professor Dr. Dilip Loundo, responsável por esta área junto ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da UFJF e minha. Mais de vinte pesquisadores da área, proveniente de diferentes instituições participaram deste encontro.

não-dualismo do zero (*śūnyatādvaya*)”. Neste artigo, o autor objetiva contrastar, de forma introdutória, duas tradições da Índia antiga: as já referidas tradições dos upanixades e a do budismo, valorizando os aspectos não-dualistas de ambas as tradições.

No artigo “A criação do *Nāṭya*; a construção do primeiro teatro; e o “recontar” do “paradigma” dos “Três Mundos” de José Abílio Perez Junior o *Nāṭyaśāstra* de *Bharatamuni*, clássico da estética indiana, que dispõe de uma importante natureza “educativa” de um ponto de vista ético.

No artigo “Passatempo relaxante, caminho espiritual ou esporte radical? Algumas representações discursivas do Yoga no Ocidente” de minha autoria juntamente com Klara Schenkel, procuramos compreender a gênese das representações discursivas ocidentais sobre o Yoga a partir da análise de textos verbais e visuais exemplares, veiculados na mídia impressa. Antes disso, é feita uma breve análise da trajetória histórica do Yoga na Índia e no mundo “ocidental”.

Em “O poder do fraco na vida e obra de Krishnamacharya”, seu autor Rogério Costa Migliorini, trata a questão do Yoga à partir de um exame biográfico de uma personalidade que deu novo alento disciplina e a fez ganhar força no mundo contemporâneo: Tirumalai Krishnamacharya (1888-1989), um dos pioneiros no aperfeiçoamento das posturas do hatha-yoga, e na colocação delas em seqüências, atribuindo um valor terapêutico a ásanas específicos.

O artigo “O impasse teológico prático da necessidade de inculturação da fé nos espaços indiano e brasileiro e sua influência na formação da identidade ritual em ambos”, escrito por Julio Eduardo dos Santos Ribeiro Simões, traz uma importante discussão no âmbito das Ciências das Religiões. O texto aborda as diversidades dos modos de cristianismo que se desenvolvem na Índia e no Brasil como resultados da expansão marítima portuguesa (século XVI), e do contato da estrutura colonizadora portuguesa com estas culturas. Afinal, é sempre importante lembrar que houve também um império ultramarino que nos unia com a Índia.

Giuseppe Ferraro, no artigo “Dimensões filosóficas da doutrina budhista do *anātma* (‘não-si’)” distingue e apresenta sumariamente os três fundamentais registros filosóficos que podem ser identificados na doutrina budhista do não-si (*anātmavāda*). Trata-se de uma questão fundamental, talvez visceral nesta tradição filosófica, e sobre a qual já fizemos referência anteriormente.

Já o artigo “Nome e imagem num trajeto por três tradições”, de Rosie Mehoudar estabelece um diálogo o budismo, o judaísmo e o cristianismo, especialmente no que diz respeito às noções de Nome, Palavra e Imagem. Assim, tanto pela sua proposta como pelas suas reflexões, trata-se de um texto de grande importância no âmbito das Ciências das Religiões.

Tomando agora o rumo de um diálogo que inclui também as tradições da China, temos o artigo “Experiência no budismo *Chan* e crítica epistemológica: *imaginal* e *não-diferenciação* como chaves metodológicas nos estudos de religião” de Leandro Durazzo. Neste artigo, o autor busca apontar hipóteses de investigação sobre às práticas do budismo *Chan/Zen* (de origem chinesa, tendo-se expandido para outros países com o desenvolvimento histórico da religião), sobretudo a partir de suas próprias chaves explicativas.

Por fim, no artigo “Confucionismo e ética: Uma prática integrada a vida”, de autoria de Ana Soré Araújo Simões, Inalígia Figueiredo Gomes e minha, busca-se correlacionar os ensinamentos do filósofo chinês Confúcio, voltado para a moral e suas virtudes, com o pensamento do filósofo Emmanuel Levinas, direcionado para a ética radical devido a grande desumanização vigente na época. Trata-se de um artigo em que a tradição dialoga com a modernidade, e busca-se justamente mostrar parâmetros comuns que resistem ao tempo.

Boa leitura !

Maria Lucia Abaurre Gnerre